

Construção do livro-reportagem “Do lado de fora: perfis de mulheres anônimas”¹

Elisabetta Mazocoli de Paula Costa²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, JF

Resumo

Este artigo trata do desenvolvimento do livro-reportagem “Do lado de fora: perfis de mulheres anônimas”, e articula a experiência de realização da obra em questão em articulação com essa base. Para isso, é abordado como o jornalismo literário e depois o gênero específico do perfil emergiram e floresceram, em seguida buscou recuperar os termos em que isso vem se dando e sendo discutido no Brasil, e por fim focalizou a relação mais específica entre o perfil jornalístico e o livro-reportagem. A partir dessa fundamentação, foram apresentadas notas de campo articuladas com a base teórica que compuseram aqui um registro de como o livro-reportagem em questão se organizou desde a fixação dos critérios para escolha das mulheres, passando pelo trabalho de aproximação e realização das entrevistas, e terminando com a experiência propriamente dita da redação dos perfis.

Palavras-chave

Jornalismo literário; livro-reportagem; novo jornalismo; perfil.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior -IJ01 do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), email: bettamazocoli@gmailcom

1-Introdução

Este artigo vai tratar da construção do livro-reportagem “Do lado de fora: perfis de mulheres anônimas” escrito como Trabalho de Conclusão de Curso prático da autora. Para a escrita da obra, foi preciso absorver conceitos da área de Comunicação que tem buscado entender o Novo Jornalismo, investigar suas características entre o jornalismo e a literatura e principalmente estudar como o gênero perfil se insere nesse contexto. Da mesma forma, características desse movimento foram absorvidas para que fosse possível a construção de um livro que, para além da forma, também valorizasse olhares para além dos padrões, assim como nesse movimento. Os estudos foram inicialmente voltados para entender essa relação e para criar um panorama de como o Novo Jornalismo, iniciado nos anos 60 do século passado, ainda tem se desenvolvido e se desdobrado na atualidade.

Com esse horizonte em mente, foram utilizadas principalmente as obras “Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra” (CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex), “Jornalismo Literário” (PENA, Felipe), “Páginas ampliadas: livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura” (LIMA, Edvaldo Pereira) e “Literary Journalism” (SIMS, Normal & KRAMER, Mark). O jornalismo literário começou nos Estados Unidos e teve uma forte relação com a própria fundação do romance norte-americano, em sua dedicação notável a um tipo de realismo interessado em se aproximar das pessoas e do cotidiano, enfatizando a relação entre vida e literatura. A ficção americana estava voltando seus olhos para questões que apareciam não só num nível da experiência humana mais interna e individual, mas também de forma mais coletiva e compartilhada. O objetivo foi superar uma dicotomia entre o “mundo interior” e o “mundo exterior”, esse tipo de escrita parecia se concentrar no modo como as questões sociais reverberam no interior dos indivíduos. Nessa linha, as características estritamente individuais dos personagens passam a ficar em segundo plano diante do impacto que eles sentem a partir das mudanças políticas, culturais e econômicas que estão em curso no momento.

Aprofundando e expandindo o novo gênero jornalístico, surgiu ainda uma tendência de olhar e registrar o que é cotidiano e o que se refere a hábitos, costumes, estilos, comportamentos e relações – e não só fatos mais pontuais e de “interesse público” mais

consolidado ou oficial. Esse tipo de expansão de foco e de alteração dos critérios de escolha do que é digno de ser visto e noticiado se dá, nessa linha de trabalho, com o intuito de se entender e também construir um panorama mais geral de uma determinada época, de um local ou um grupo. No jornalismo literário contemporâneo, essa ideia original de expandir o olhar para o cotidiano permanece a mesma - agora, no entanto, também assumindo um interesse aumentado pelas chamadas “pessoas comuns”, e não só ou principalmente pelas “famosas” e tradicionalmente consideradas como “relevantes” que costumam estar estampadas nas páginas dos jornais ou nas capas das revistas.

Nesse sentido, Paulo Roberto Paniago trouxe uma definição bastante precisa do gênero: o perfil seria “um texto que se detém naquilo que deveria ser a essência do relato jornalístico — o ser humano em sua trajetória através da vida —, com destaque não para os eventos nos quais esse humano se envolve, mas para a visão de mundo que a pessoa certamente possui” (p.8). Por vezes confundido com a biografia, o perfil no entanto se diferencia dela por duas características importantes: não almeja englobar a vida inteira da pessoa escolhida como seu personagem, mas iluminar um momento específico de sua vida; além disso, não se detém tipicamente sobre pessoas que já são consideradas dignas de destaque social, mas especialmente sobre aquelas outras que tendem a ser consideradas “comuns”.

O gênero perfil, por isso mesmo, desde o seu nascimento tem demandado cuidados especiais: registrado pela primeira vez como nome de uma editoria da revista *New Yorker*, em 1925, passou a mobilizar a partir daí uma equipe de jornalistas dedicados a desenvolver técnicas específicas para a sua redação, tendo atingido ali sua plenitude com o trabalho de Joseph Mitchel.

Em termos de caracterização do gênero, um editor relativamente recente da *The New Yorker*, David Remnick, buscou avançar ainda mais: postula que o perfil é o esboço conciso de uma vida “por meio de anedota, incidente, entrevista e descrição” (Remnick, 2001). Uma síntese das características do perfil, nesse sentido, aponta para a seguinte lista inicial:

1. É preciso, para escrever perfil, saber se dedicar à reportagem extensa, ter paciência, inteligência aguçada, saber dosar ironia;

2. O tratamento não deve ser distanciado e deve abarcar dados bastante pessoais;
3. O perfil não precisa ser de alguém famoso ou reconhecido publicamente, até pelo contrário: considera-se aí que o drama humano possa ser mais bem representado naqueles que não necessariamente “se deram bem” na vida;
4. O texto deve circundar o seu personagem até conseguir dele uma imagem tridimensional e consistente;
5. Via de regra, os recursos literários se aproximam do realismo em termos da construção cena a cena e do ponto de vista da terceira pessoa e do registro minucioso de detalhes

Em tese de 2019, Renata Carraro avança na busca de referências brasileiras para se pensar o jornalismo literário, e aí se aproxima mais de Sergio Villas-Boas (2014, p. 271), quando ele dá o título de “A arte do perfil” ao ensaio que traça o que em sua visão representa os contornos desse gênero de escrita jornalística. Buscando decifrar os recursos usados por Gay Talese para desenvolver o famoso perfil sobre Frank Sinatra resfriado, Villas-Boas chama a atenção para a técnica do “detalhe íntimo e específico”, ao lado de outros importantes como a construção cena a cena, fixação de uma “cena presentificada da ação”, a alternância de foco narrativo e a reconstituição minuciosa (VILLAS-BOAS, 2002, p. 83). A técnica dos diálogos, por sua vez, traz à lembrança o nome de Tom Wolfe, um dos principais teóricos do novo jornalismo, autor de “The New Journalism”, lançado em 1973. Wolfe dizia “que diálogos realistas envolvem o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso de estilo, em especial quando a técnica consiste em “apresentar cada cena ao leitor por meio dos olhos de um personagem particular, dando àquele a sensação de estar dentro da mente do personagem”.

Avançando sobre as possibilidades do gênero, no entanto, é ainda Remnick quem reconhece mais claramente que o perfil, apesar de se deter sobre a singularidade de determinados indivíduos, têm um forte potencial para abarcar inclusive dramas e acontecimentos muito mais coletivos.

2. Exemplo prático

A escolha de focar a construção de perfis exclusivamente nas mulheres fez com que fosse necessário escapar das armadilhas mais óbvias de tomar como representantes suficientes

desse coletivo algumas poucas “mulheres de sucesso”, tal como sempre se repete em tantas publicações. Nas escolhas realizadas, a guia foi a tentativa de reunir mulheres de Juiz de Fora que se mostrassem com uma diversidade de cores, classes sociais, profissões, bairros, orientações sexuais e idades. Além de tratar do perfil de cada uma individualmente, também era que essa série funcionasse noutro nível: como um conjunto contendo elementos que se complementassem e se aproximassem de diversas maneiras, mas também se contrastassem e se tensionassem.

Essas mulheres foram encontradas a partir de conversas com outras pessoas: sejam jornalistas, representantes de bairro ou apenas pessoas que, sabendo do trabalho, sugeriam alguém que acreditavam que pudesse compor o grupo com singularidade e algum traço diferencial. Foram coletados muitos nomes, e a partir deles foi feita uma seleção para que justamente algumas variáveis não se repetissem demais. Em seguida, o trabalho se concentrou em aproximar a jornalista dessas pessoas, para que todas aceitassem ser entrevistadas e tivessem, cada uma à sua maneira, algo que gostariam de contar.

Isso esclarecido, é preciso acrescentar que todas as entrevistas foram feitas de forma presencial e gravadas pelo áudio do celular. As conversas ocorreram, em sua maior parte, na casa dessas mulheres, mas também em algum ponto de encontro que elas escolheram e que fazia parte de sua rotina. Todas as entrevistas duraram entre 1h30 e 4h, dependendo da disponibilidade de cada uma, dos assuntos que surgiam e do quanto também estavam dispostas a revelar sobre a sua vida. As perguntas foram preparadas de forma individualizada, considerando inclusive o que eu já havia tentado levantar a respeito de cada trajetória. Como, no entanto, são mulheres consideradas anônimas, em geral não havia quase nada sobre elas em páginas da internet que fosse possível pesquisar de antemão

3- Pontos de contato entre teoria e prática

Considerando a característica mais geral do perfil apontada por Paulo Roberto Paniago, as entrevistas buscaram captar em especial o modo como elas enxergavam as mudanças pelas quais haviam passado ao longo da vida, englobando aí não só os diversos empregos e trabalhos que tiveram, mas também suas relações conjugais e familiares. Assim, a visão

de mundo delas foi demonstrada a partir de vários ângulos, que abarcaram desde detalhes da vida doméstica, os das marcas em seus corpos até os a envolvimento políticos que por vezes chegavam claramente a expor (principalmente no caso de Maria Geralda, Ângela, Mayara, Tânia, Samantha e Sheyla).

A própria escolha dessas mulheres, de todo modo, buscou valorizar figuras que têm "hábitos, costumes, estilos, comportamentos e relações" mais cotidianas e comuns. Mas não só isso - também no texto houve uma atenção especial a quais são esses aspectos em cada uma delas, e quais deles se fazem singulares na expressão de cada uma. Com isso, foram registradas características que pudessem fugir do que mostravam em geral em seus trabalhos, e que no entanto se revelavam por vezes centrais em suas vidas, de modo a evitar o gesto comum de reduzir as vidas das pessoas a algo como um currículo "objetivo". Com isso, foi feito o flagra de coisas percebidas sobre o jeito dessas mulheres enquanto as conversas ocorriam, dando atenção a maneira como falavam, se movimentavam ou se posicionavam em relação aos acontecimentos que estavam me narrando. Para realizar isso, assim como já aconteceu em diversas obras do Novo Jornalismo, foi necessário a inserção da jornalista na narrativa em todos os perfis - em maior ou menor grau, dependendo da relação e interação com a personagem, no momento da entrevista, podia contribuir para a sua caracterização.

Essa inserção se deu via de regra a partir do uso de primeira pessoa, mas também ocorreu a partir de observações de pontos específicos de suas casas, a forma que encontrou as personagens, como a mulher se movimentava dentro dos diálogos, a leitura feita do próprio encontro para a entrevista e também a reação gerada pela entrevista. Além disso, fica claro que nas aberturas e nos fechamentos dos textos dos perfis, foi encontrado um espaço para expressar algo mais central a respeito daquelas mulheres, mesmo que não tivesse sido dito claramente por elas. Por isso, na maioria dos textos, esses desfechos também revelam mais do olhar da jornalista. Levo em consideração, portanto, que foi dessa forma que a voz autoral, como coloca Kramer, tenha buscado se construir ao longo dos perfis criados.

Esses textos tiveram critérios diferentes para construir as personagens, assim como prevê a sétima característica dos perfis do jornalismo literário tal como foram expressas por

Kramer. Em alguns casos, como nos de Maria e Olga ou de Adriana, foram apresentados os eventos na ordem em que foram acontecendo na vida delas, organizando tudo de forma mais linear e cronológica; já em outros casos, como nos de Célia e de Ângela, a estrutura de exposição que emergiu durante a conversa, por perceber que da perspectiva delas era daquele jeito que as conexões mais significativas entre os eventos se mostrariam melhor. Em outros casos, no entanto, como nos perfis de Adriana, Vilma e mesmo no de Sheyla, esses dois fatores foram sendo misturados.

A oitava e última característica que esse autor coloca, e que diz respeito à criação de sentidos e de um fio condutor da narrativa, foi ainda um ponto construído por vezes, através de um objeto, ou de uma cena, de uma paisagem ou mesmo de uma frase especial que as entrevistadas dissessem e que, após a conversa, fosse analisado que continha algo de muito definidor de tudo percebido em relação a elas. A estrutura inteira de cada texto era pensada de forma que esses elementos que apareciam no começo fossem depois retomados de alguma forma no final. Esse cuidado foi tomado não só os perfis foram construídos assim, mas na própria ordem em que eles estão sendo apresentados, no livro-reportagem. Assim, além de ter buscado ali alternar personagens com vivências bem diversas, foi pensado também no que cada perfil poderia acrescentar em relação ao outro, e nos mais interessantes pontos de conexão e de tensão entre eles.

Abaixo fica claro, na ordem em que cada uma dessas mulheres aparecem no livro-reportagem, os motivos pelos quais foram escolhidas e também como a escrita dos perfis delas utilizaram os elementos citados na fundamentação teórica deste trabalho.

3.2.1) Maria Geralda

No perfil de Maria Geralda, era de especial importância fazer uma caracterização profunda de como era o bairro onde que ela mora, o Retiro, recuperando inclusive como ele era quando ela chegou lá e também em que estado está agora - principalmente os entornos da casa dela. Esse foi o fio condutor da narrativa, conforme estabelece Kramer, devido ao fato de sua história e suas buscas por formações estarem tão intrinsecamente relacionadas a esse local. Também foi feito o registro de parte da rotina que aquele bairro

vive, ainda através dela, como os vizinhos interagindo tão próximos, se ajudando, ou ainda como o barulho dos animais que estão sempre por perto.

A entrevista seguiu a estrutura da conversa: se passa na casa dela, começando enquanto subia a escada e afirmava: "É bastante escada, mas é bom que deixa as pernas fortes". Essa frase também reproduz o jeito como ela fala, a força da sua oralidade, o que foi reproduzido também em outros momentos - "abusada eu, né?", por exemplo, revela a vivacidade e da sua verve para a ironia e o deboche. Essa conversa foi finalizada em outra parte da casa, mas ainda falando sobre aquele cenário e o que ela pretendia fazer para a mudança do local. Também foram mantidas algumas gírias, como "topetuda", e também o ditado "'Deus tira os dentes e abre a goela", que marcam a idade e mesmo a personalidade da entrevistada.

3.2.2) Célia

Na conversa com Célia, mostrou-se importante a presença inesperada de sua filha, e como isso impactava o modo como ela falava e agia. Da mesma forma, foi através disso que foi mostrada com mais atenção para a relação das duas. Para registrar essa cena, o momento foi reproduzido de forma integral, assim como Remnick recomenda, com a presença dos diálogos entre elas.

Esses diálogos diziam respeito a assuntos bastante rotineiros, como o pedido de uma comida ou mesmo observações da menina sobre a mãe. Também foi interessante, com a presença de Mia, ver como ela interagia com o que a mãe falava e como, a partir disso, Célia respondia. No mesmo sentido, assim como o autor recomenda, foi registrado a rotina daquele encontro, que foi inicialmente remarcado para um horário mais tarde do que o previsto e, posteriormente, também acabou meio de repente quando notei que as duas estavam cansadas e queriam ficar juntas.

O fato de a entrevista ter sido feita no local de trabalho de Célia também fez com que fosse possível entender parte da rotina que ela seguia. A ida de sua filha com ela, então, naquele momento e naquele local, também ajudou a perceber mais de perto os esquemas por vezes trabalhosos e tensos que vão sendo criados no dia a dia de quem é responsável

por cuidar de uma criança, e isso se deu mesmo sem ela ter se aprofundado nesse assunto durante a entrevista.

3.2.3) Adriana

No caso de Adriana, o aspecto da profissão foi o fio condutor da entrevista. Para compreender mais sobre o trabalho da ceramista, foi preciso não só escutá-la falando sobre as técnicas, mas também observá-la realizando seu trabalho no seu ateliê, assim como faz em um dia normal, e também fazer pesquisas específicas sobre as técnicas para que o texto do perfil ganhasse a necessária precisão.

A presença inesperada de uma cliente, assim como o relato feito já ao final do texto, também diz respeito ao quanto aquela artista se mostra, mesmo sem falar diretamente sobre isso. São características que, a partir da observação, acabaram tendo um destaque especial na construção da personagem. O olhar sobre as mãos de Adriana segue o mesmo sentido, e foi a partir de uma observação a respeito disso que ela começou a falar mais sobre suas horas de trabalho.

3.2.4) Ângela

A entrevista com Ângela foi aquela para a qual foi possível ter menos preparo para o que seria escutado e perguntado, como inclusive é relatado no próprio texto. Conhecia muito pouco sobre a história dela. Mas, como Remnick afirma sobre a importância de se pesquisar sobre a família do indivíduo e era sabido que ela não tinha mais nenhum parente vivo, foi fundamental ir até o abrigo em que ela estava e fazer uma observação sobre como ela se relacionava com ele.

O registro minucioso que o autor recomenda que se faça sobre os gestos, hábitos, roupas e estilos, está bem marcado nesse texto, principalmente pela indicação dos silêncios que ela faz. Ao mesmo tempo, os momentos em que exhibe sua ironia ou sua capacidade de rir de si mesma, marcados em sua fala, também se destacam bastante ("Sou metida a achar que entendo alguma coisa", ironiza", " "Fiz do meu limão uma caipirinha", ela ri", ou ainda "Achei muito bom que ele [o marido] não pudesse [ter filhos]. Ele estava chorando,

e eu por dentro rindo. Achei ótimo. Botar um filho no mundo naquela época, na ditadura... não tinha como. E eu também acho que eu não ia ser uma boa mãe, sei lá, não ia deixar meus filhos verem Xuxa" diz).

No que diz respeito à sua caracterização física, que é feita logo no primeiro parágrafo do texto, mostrou-se necessário devido à força que tem, na sua narrativa, a questão da idade, assim como o lugar que ela está. E de fato esses foram dois aspectos bastante importantes para a construção desse perfil, assim como a visão política que ela tem, que foi bastante importante em sua trajetória.

3.2.5) Maria e Olga

No caso de Maria e Olga, a profissão é um dos principais fios condutores da entrevista. Elas foram recomendadas por Tânia, outra entrevistada, que dizia sobre a história pouco contada das lavadoras do bairro em que trabalha, e como elas foram importantes para a formação daquele espaço. Estar na casa simples em que elas moram há tantos anos também permitiu que fosse observado mais de perto a experiência de vida delas, inclusive em momentos como aqueles em que elas me explicavam os trechos que tinham maiores problemas (como a ponte na rua Pirapora), ou ainda falavam sobre especificidades do trabalho profissional de lavar roupa.

O perfil dessas duas personagens foi feito em conjunto devido ao fato de terem tido a mesma profissão por muitos anos, morarem juntas e terem a mesma origem, sendo irmãs. A sugestão, no entanto, foi delas, porque queriam conversar juntas para que uma ajudasse a outra contando as histórias que tinham vivido. A proposta foi aceita também porque foi percebido que havia uma relação muito forte entre elas, que seria inclusive bastante central para iluminar e guiar o perfil das duas e o modo como se relacionavam e se destacavam do mundo que as cercava – por outro lado, para não cair em nenhum tipo de estereotipia ou caricaturização genérica, foram valorizadas as diferenças que eventualmente se mostravam entre as duas.

3.2.6) Mayara

No caso de Mayara, o principal fio condutor foi dado a partir da divisão que ela relata entre suas duas faces, a de engenheira e a de fotógrafa. Por isso, as tensões e as articulações possíveis entre as profissões, tal como são detalhadas pela sua narrativa, também contribuíram para a construção da personagem, e foi também através delas que percebi o melhor acesso a ela. Além disso, também um olhar mais atento à posição social de Mayara, apontada por Remnick como uma das características para as quais um jornalista deveria voltar mais sua atenção no trabalho de elaboração de um perfil, fez com que fosse possível bastante a entender mais a fundo as motivações e os impasses centrais da personagem.

3.2.7) Vilma

No caso de Vilma, o fio condutor da narrativa foi construído muito naturalmente a partir da sequência das fotos que ela mostrou ao longo da entrevista, porque esse foi um recurso que ela mesma usou para recordar outras épocas e para mostrar as diferenças que existem no bairro em que mora. Além desse fio condutor, no entanto, também a descrição dos biscoitos na mesa, das canecas nas prateleiras e ainda das receitas que ela costuma fazer do dia a dia deixaram ainda mais claro que a festa alemã e essa cultura fazem parte da sua rotina, e não só de um momento isolado do ano.

No caso dela, por ter essa relação tão forte com a festa que inclusive constitui seu legado mais querido para as gerações seguintes, foi importante atentar também para as personagens adjacentes – em especial para a neta dela, que estava durante toda a conversa, mas também para a sua filha, que foi entrevistada posteriormente. Nesse movimento e nessa abertura de foco, foi captado e traduzido algo do próprio processo de compartilhamento e de passagem de vida que a personagem parecia buscar realizar, voltado em especial para a direção de suas mais diretas herdeiras.

3.2.8) Tânia

Outro conceito mencionado por Remnick é o da localização geográfica, e foi bastante importante para entender Tânia, no que diz respeito à relação dela com a própria casa e com o seu esforço de conquistá-la e decorá-la ao longo do tempo. Tornou-se evidente,

ainda, que as falas dela sobre o próprio trabalho, além de cumprirem o que ele diz sobre a construção da profissão, também ajudam a entender a sua visão de mundo. O fato dela ter conseguido ser uma "exceção" em meio a tantas meninas como ela que não tiveram acesso à educação, e ainda as formas através das quais ela conseguiu avançar nos estudos, também são importantes para a reconstrução de toda uma época vivida. Nesse sentido, a forma nova pela qual ela passou a enxergar por exemplo as cotas, assim como a mudança de olhar que ela marca tão bem, explicam questões mais amplas das relações de classe e de raça no país.

3.2.9) Samantha

O perfil de Samantha é bastante focado em sua atuação como pastora trans, o que contém muito de sua trajetória e também exhibe bastante a sua visão de mundo e de religião. A sua relação com a família também é apresentada no texto mais detalhadamente, porque no caso dela, o tema tem muito mais a ver com a reação que os familiares tiveram após a sua transição, e também com a sua iniciativa de encontrar um espaço de acolhimento.

3.2.10) Sheyla

Em seu texto "A arte do perfil", Vilas-Boas chama a atenção para um ponto nem sempre tão notado: "Todo perfil é biográfico e autobiográfico, porque também diz algo a seu respeito, autor". Nesse caso, por se tratar de uma personagem próxima da autora, e que diz tanto também sobre as bases de constituição da própria história, considera-se que ainda mais aspectos autobiográficos estiveram ali entrelaçados.

Como também já havia mais familiaridade entre a fonte e a entrevistada, o texto desenvolvido teve chances ainda maiores de "circundar o personagem até conseguir dele uma imagem tridimensional e consistente". Nesse sentido, e considerando que se tratou de um texto que se debruçou sobre diversos momentos da vida da personagem, alcançando inclusive uma extensão maior em relação aos demais, foi também o que mais se aproximou de um outro gênero: a biografia. No entanto, tanto pelo enquadramento quanto pela inscrição do olhar de neta para avó, o texto ainda se enquadra melhor no gênero do perfil.

4-Considerações finais

Durante este trabalho, alguns desafios mobilizaram mais esforços, trouxeram pontos de aprendizagem e questionamento ou de desejos ainda pendentes, no que diz respeito às conexões entre teoria e prática, mas também entre jornalismo literário, perfis e o trabalho de escuta de vozes de mulheres.

Não é suficiente escolher o jornalismo literário: Como a bibliografia sobre jornalismo literário em geral indica, mergulhar num trabalho afinado com essa tendência toca na possibilidade mais que desejável de escolha da profundidade do que a pressa. Isso não exime, no entanto, da necessidade de saber manejar o tempo disponível, que nunca é infinito. Nem exime do trabalho de pensar quais seriam então os critérios para detectar o que afinal nos importa mais profundamente ou o que pode fazer alguma diferença para os nossos leitores ou a comunidade em que estamos inseridos. Além disso, o risco de repetir fórmulas prontas e superficiais não se concentra só no lide nem vem só do frenesi das redações - o próprio manejo de fórmulas literárias pode naufragar, se alguma voz própria e algum espírito de aventura não guiar os esforços.

Não é suficiente escolher o gênero perfil: O esforço de construção do perfil, como gênero específico, não é uma garantia de que algo interessante ou consistente vá se produzir. Em parte porque a escolha dos perfilados pode se dar com a mesma lógica inercial e a mesma superficialidade impessoal contra as quais o gênero buscou historicamente se insurgir; em parte porque o mero acúmulo de dados ou de horas de entrevistas meticulosas não resolve algo que parece estar também no nível da intuição, do lampejo, da iluminação súbita e no entanto sempre incerta. E há algo nesse processo que certamente não está exatamente no personagem perfilado nem no autor, mas em algo ponto de uma relação que se cria ali no contato – ou não.

Não é suficiente entrevistar mulheres: Embora ouvir o que as mulheres têm a dizer pareça ser de um modo geral uma intenção louvável quando consideramos os séculos de silenciamento, continuar elegendo pra isso apenas mulheres que se encaixam dentro dos

mesmos critérios de relevância que historicamente se ligam a valores masculinos tradicionais acaba por preparar uma armadilha que desafia as boas intenções de superfície.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRARO, Renata. **Narrar é preciso - uma viagem pela teoria e prática do perfil jornalístico**. 2019. 330 folhas. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. Disponível em <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1855>

CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex, **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. Universidade do Texas, Escrituras, 2002.

DOMINGUES, Juan. **Novo jornalismo: reflexões sobre a relação entre reportagem e romance**. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/2458>

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2008.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário: a realidade de forma autoral e humanizada**. In: Fronteiras com a Literatura v.6 n.1 (Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71>

The New Yorker e Realidade. 2016. xi, 456 folhas, il. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/22309>

PANIAGO, Paulo Roberto Assis. **Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade**. 2016. xi, 456 folhas, il. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/22309>

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SIMS, Normal & KRAMER, Mark. **Literary Journalism**. New York, Ballantine Books, 1995.

TALESE, Gay. **Fama & Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VILAS-BOAS, Sergio. **Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis: o mundo dos outros – 22 personagens e 1 ensaio**. 3. ed. Barueri/SP: Manole, 2014a.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.